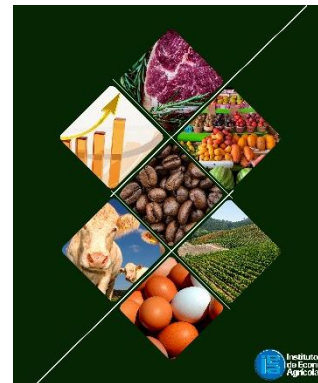




v. 21, n. 3, março 2026

Repercussões do Ataque Americano/Israelense ao Irã

*“A paz: uma trégua para a guerra.”
Imperialismo, o Estágio Superior do Capitalismo
(Lenin, 1917)*

A região persa, território em que se situa o Irã, possui uma cultura milenar, nisso se assemelhando muito aos chineses. Não se posicionar no curto prazo, ao contrário de seus agressores, constitui uma característica desse tipo de cultura. Esse fato não refere-se a que, desde o pós-segunda guerra, o país tenha experimentado dois regimes de governança: monarquia seguida pela teocracia, sendo ambos de caráter sumamente autoritário e opressor (estimativa de 30 mil vítimas nas manifestações desse ano).

Ao atacar o Irã, o mandatário estadunidense resumiu sua intenção: conduzir uma guerra preventiva, ou seja, uma guerra para evitar outra guerra (paroxismo em seus termos). Tal narrativa sequer encontra amparo nos fatos pregressos, pois em meados do ano passado, fez-se anúncio que o complexo de enriquecimento de urânio iraniano havia sido destruído pelas bombas antibunkers (de penetração). Estando as instalações militares anunciadas como arruinadas, qual a capacidade de um país agredir a outro?

O legado dos ataques estadunidenses/israelenses aos países persas (Iraque, Afeganistão), do norte da África (Líbia) e asiáticos (Vietnã) sempre redundaram em fracassos, pois não produziram horizontes mais auspiciosos às sociedades que padeceram sob tais intervenções. Apenas nesse primeiro ano de governo Trump foram realizadas operações em sete países (Somália, Iraque, Iêmen, Nigéria, Síria, Irã e Venezuela), somando 658 ataques aéreos no primeiro ano de sua volta ao governo, superando todo os quatro anos de mandato de Biden. Nessa agressão ao Irã, o mandatário estadunidense criou para si um gigantesco problema, com consequências políticas a cada dia mais imprevisíveis. Adentramos em cenário hiperbólico, em que numa mesma semana os extremos de campos opostos são pautados.

Ainda que o crescente número de baixas apareça nos rodapés (160 meninas de uma escola infantil ao primeiro dia dos ataques), o destaque midiático focaliza essencialmente os reflexos ocasionados pelo fechamento do estreito de Ormuz. Passagem obrigatória para o Mar Árabe, por esse estreito circulam as mais estratégicas mercadorias, como o petróleo (cerca de 40% da oferta mundial) e o gás natural (entre 20% e 25% da oferta global), sendo esse o principal mecanismo de transmissão de preços do conflito para a economia mundial. Inúmeros países são absolutamente dependentes desse fluxo para seu suprimento energético a começar pela China, sem dúvida a nação mais prejudicada pelo fechamento dessa passagem.

O Brasil, distante do epicentro do conflito poderá ser significativamente afetado. Atualmente, posicionando-se entre os maiores países exportadores de petróleo no mundo, a elevação das cotações da *commodity* traz vantagens econômicas ao país (pagamento de *royalties* ao tesouro nacional), encarecendo, noutra ponta, os derivados importados (diesel e fertilizantes nitrogenados). Essas duas mercadorias formam os pilares cruciais da composição dos custos de produção dos sistemas agrários brasileiros, especialmente, nas lavouras de grãos.

O banco JP Morgan avaliou que, a cada 10% de majoração nas cotações do petróleo, há uma elevação de 0,1% no PIB e que impacta a inflação em 0,2%, ambos movimentos melhorando a posição fiscal do país¹. O tempo de duração do conflito constitui o elemento determinante nas possibilidades de desenhos de cenários prospectivos.

A balança comercial entre Brasil e Irã é favorável ao nosso país. Em 2025, o Brasil exportou US\$2,9 bilhões para a nação persa, importando dela apenas US\$84,5 milhões². Todavia, o principal circuito afetado pelo conflito é o de investimentos diretos oriundo dos fundos soberanos dos países do Oriente Médio, levando-os a retardar decisões de investimentos e paralisar projetos². Na carteira de ativos, reina a insegurança.

Numa tentativa de construir paralelos, após a invasão da Rússia ao território ucraniano, houve disparada nos preços dos fertilizantes³. Assim como naquela ocasião, o novo conflito ocorre em fevereiro, oferecendo relativo alívio pois acontece com adiantada fase de colheita da soja e preparação para o plantio do milho no Centro-Sul brasileiro (demanda não tão imediata). Segundo analistas do mercado de fertilizantes, há margem de espera com capacidade de os estoques existentes suprirem a demanda mais imediata. Todavia, a cotação da ureia (principal nitrogenado empregado nas lavouras de grãos e obtido a partir do gás natural e outros hidrocarbonetos) exhibe salto nas cotações, superando os US\$460,00/t do produto⁴. No primeiro bimestre de 2026, houve redução de 34% na importação de fertilizantes no Brasil⁵.

O diesel, outro insumo crucial para o agronegócio brasileiro, exhibe crescente ampliação da defasagem entre cotações internacionais e preços domésticos. Importando cerca de 25% das necessidades de abastecimento, recente estimativa indicou que os preços aqui praticados se posicionam em até 30% abaixo da referência internacional. A Petrobras historicamente não repassa de imediato as variações de preços, mas, diante de tamanha defasagem, deve-se aguardar algum reajuste nas bombas, com efeitos inflacionários sobre toda a matriz econômica nacional.

O mercado do milho tem nos países da península arábica e persas um importante destino das exportações brasileiras. O Irã, isoladamente, responde por aproximadamente 25% das exportações do grão⁶. Entretanto, a oferta do milho primeira safra tem destino majoritário ao abastecimento interno (rações, produtos alimentícios, etanol), sendo aquele colhido na segunda safra, preferencialmente, o que atende à demanda dos clientes internacionais. Assim, caso o conflito venha a arrefecer e as negociações pelo cessar fogo ganhem impulso, as exportações de milho devem exhibir apenas um ligeiro declínio.

O açúcar também possui expressão no comércio exterior brasileiro na região do conflito, sendo o estado de São Paulo protagonista nos embarques dessa mercadoria. Mais de 83% do desembolso dos Emirados Árabes Unidos ocorreu para a aquisição de produtos do segmento sucroenergético paulista, seguido pela Arábia Saudita, que comprometeu 74% de suas compras totais com esses produtos. Portanto, o estado de São Paulo, mediante a impossibilidade de acessar os portos desses países pode experimentar perdas no comércio exterior de açúcar e etanol⁷.

Com o fechamento dos portos daquela região, obrigam-se os exportadores a encontrar novos pontos para atracação dos navios. Talvez o maior desafio aos exportadores brasileiros consista no rearranjo logístico. Djbuti e Jordânia, aparentemente, são os melhores posicionados enquanto *hub* alternativo para os cargueiros brasileiros que nesse momento aguardam definições quanto a passagem pelo Estreito de Ormuz.

O *ranking* dos embarques brasileiros para a região como um todo é liderado pelas proteínas animais (abate halal). A Arábia Saudita importa do Brasil quase dois terços de sua demanda por carne de frango. Os demais países afligidos pelo conflito também são importantes demandantes do produto brasileiro, sendo observado inclusive incremento nos embarques de carne bovina⁸.

Os ataques dos EUA e Israel ao Irã, além de provocar diretamente a morte de civis, aprofunda a crise climática e a insegurança aos povos que habitam a região. Os danos ambientais causados por bombardeios têm causado poluição de grandes proporções impactando ecossistemas marinhos (devido ao vazamento de petróleo derivado dos

cargueiros e destroieres afundados) e terrestres (incêndios florestais e contaminação dos cursos d'água), o que afetarão, no curto e longo prazo, a produção e o consumo de alimentos, além do acesso à água potável. Por sua vez, os ataques às infraestruturas de dessalinização agravarão ainda mais a crise hídrica no país.

Ao final da primeira semana de março de 2026, o conflito não exibía qualquer sinal de arrefecimento. Essa condição impede qualquer possibilidade de construção de cenários prospectivos para o desfecho dessa conflagração e seus reflexos sobre a economia mundial e, particularmente, sobre São Paulo e o Brasil. Foi criado um tremendo problema para a geopolítica internacional com consequências bastante imprevisíveis. Aparentemente, não haverá negociações de paz nos próximos dias ou semanas. Começa-se a formar um consenso entre líderes globais de que Trump tenha ido longe demais. O ataque ao Irã foi uma decisão que talvez tenha se tornado algo sem retorno, irrevogável e com desfechos imprevisíveis. Enquanto isso, o titular estadunidense se mantém sobrevivendo a tudo que faz.

¹CARNEIRO, L. *et al.* Alta da inflação é maior risco ao Brasil com guerra no Irã, dizem analistas. **Valor Econômico**, São Paulo, p. A4, 3 mar. 2026. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2026/03/03/alta-da-inflacao-e-maior-risco-ao-brasil-com-guerra-no-ira-dizem-analistas.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2026.

²Op. cit. nota 1. As expectativas atuais são de declínio nos embarques brasileiros para o Irã.

³INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. **Fértil incerteza**. São Paulo: IEA, 2026. Disponível em: <https://iea.agricultura.sp.gov.br/out/TerTexto.php?codTexto=16017>. Acesso em: 16 mar. 2026.

⁴SCABRASIL. **Mercado de fertilizantes inicia 2026 em alta com restrições na oferta global e valorização dos fosfatados**. [S. l.]: SCABrasil, 2026. Disponível em: <https://scabrasil.com.br/mercado-de-fertilizantes-inicia-2026-em-alta-com-restricoes-na-oferta-global-e-valorizacao-dos-fosfatados/>. Acesso em: 16 mar. 2026.

⁵ZAFALON, M. Brasil importa menos fertilizantes do Oriente Médio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2026. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vaivem/2026/03/brasil-importa-menos-fertilizantes-do-orientes-medio.shtml>. Acesso em: 16 mar. 2026.

⁶KUPFER, J. P. Inflação é o maior risco para o Brasil, mas depende da duração da guerra. **UOL Economia**, São Paulo, 6 mar. 2026. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/colunas/jose-paulo-kupfer/2026/03/06/inflacao-e-o-maior-risco-para-o-brasil-mas-depender-da-duracao-da-guerra.htm>. Acesso em: 16 mar. 2026.

⁷INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. **Balança comercial dos agronegócios paulista e brasileiro, Ano de 2025**. São Paulo: IEA, 2026. Disponível em: <https://iea.agricultura.sp.gov.br/out/TerTexto.php?codTexto=16318>. Acesso em: 16 mar. 2026.

⁸Não é demais lembrar que, entre os países muçumanos (que formam a quase totalidade da população), o consumo de carne suína é totalmente proibido.

Palavras-chave: geopolítica e mercado de energia, repercussões do ataque ao Irã, agronegócio brasileiro.

Celso Luis Rodrigues Vegro
Pesquisador do IEA
celvegro@sp.gov.br

Soraia de Fátima Ramos
Pesquisadora do IEA
sframes@sp.gov.br

Eder Pinatti
Pesquisador do IEA
eder.pinatti@sp.gov.br

Liberado para publicação em: 13/03/2026

COMO CITAR ESTE ARTIGO

VEGRO, C. L. R.; RAMOS, S. de F.; PINATTI, E. Repercussões do Ataque Americano/Israelense ao Irã. *Análises e Indicadores do Agronegócio*, São Paulo, v. 21, n. 3, mar. 2026, p. 1-5. Disponível em: [colocar o link do artigo](#). Acesso em: [dd mmm. aaaa](#).